

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591

Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR
V. 10 - N.º 2 (julho-dezembro/2013)

O EU EM DISCURSO: POR UMA ESCRITA DE SI NA MÍDIA

Francisco Vieira da Silva¹
Regina Baracuh²

RESUMO: A mídia tem se constituído, nos últimos anos, num sofisticado dispositivo que impele os sujeitos a falarem/escreverem sobre si. Levando em consideração tal constatação, objetivamos neste artigo, a partir da análise do discurso de determinadas materialidades midiáticas, investigar a constituição de uma escrita de si (FOUCAULT, 1992) contemporânea, amparada numa incessante exposição de aspectos que outrora estavam restritos a esfera da vida privada.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; mídia; escrita de si.

ABSTRACT: The media has mad in recent years, a sophisticated device that pushes the subjects to talk/write about themselves. Taking into account this observation, we propose in this article, from the analysis of the discourse of materialities media, investigating the formation of a writing itself (FOUCAULT, 1992) contemporary, supported with an ongoing exhibition of aspects that were once restricted to private life.

KEY WORDS: Discourse; media; writing itself.

Introdução

Parece-me indispensável dizer quem sou!
(F. Nietzsche)

Nos últimos tempos, a mídia, em suas diferentes modalidades, tem se constituído num sofisticado dispositivo que incita os sujeitos a falarem sobre si. Neste sentido, há toda uma gama de mecanismos através dos quais os sujeitos podem dizer-se, confessar-se, mostrar-se. No amplo espectro das redes sociais³, por exemplo, já é considerado um lugar-comum o fato de os internautas explicitarem passo a passo as atividades mais corriqueiras, desde relatarem o estado emocional até dizerem o que estão fazendo e em que local se encontram. Some-se a isso a avalanche de fotos que retratam momentos de extrema intimidade que outrora se

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutorando do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). franciscovieirariacho@hotmail.com.

² Professora Doutora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). mrbaracuh@hotmail.com.

³ Além das redes sociais, outra tendência propulsora do falar de si na esfera midiática consubstancia-se com o advento dos *blogs* ou diários virtuais, nos quais os usuários descrevem minuciosamente suas vidas na rede digital. Os blogueiros, na percepção de Coracini (2006), expõem, em tom ora mais, ora menos confidencial a narrativa da própria vida ou de uma vida que bem poderia ser a sua, e que, por isso mesmo, sempre tem muito do seu, dos acontecimentos mais importantes e até (principalmente!) dos mais banais.

restringiam ao olhar da família e dos amigos mais próximos. De modo análogo, nos programas de entrevista de televisão, as pessoas públicas, hoje cada vez mais formadas pelas celebridades instantâneas, são continuamente convocadas a falarem sobre suas intimidades, desenhando, assim, um quadro sócio-histórico no qual falar sobre si é condição peremptória para a inserção na ordem discursiva midiática.

Pensando numa escrita de si sob a ótica de Foucault (1992), pretendemos, a partir da análise de algumas materialidades discursivas midiáticas,⁴ investigar a constituição de uma escrita de si contemporânea, concebendo-a a partir das filiações sócio-históricas (PÊCHEUX, 2006) que permitiram a aparição de discursos sobre a vida íntima nas diferentes instâncias midiáticas. Desse modo, entendemos que, ao falar de si, ao se expor, o sujeito se (es)inscreve discursivamente na natureza opaca da língua(gem), desvelando contradições, heterogeneidades e descontinuidades próprias do sujeito dos tempos hodiernos.

Dessa maneira, é importante reportarmos à escrita de si estudada por Foucault (1992), em consonância com uma discussão em torno da contínua supressão das fronteiras entre a vida íntima e a vida pública no contexto midiático contemporâneo, uma vez que partimos da hipótese de que as manifestações de uma escrita de si na mídia encontram-se vinculadas de forma visceral com a crescente exposição na esfera midiática de aspectos da vida íntima, ou pelo menos do que convencionalmente entendemos como pertencentes ao ambiente privado das relações sociais. Investigar as condições de possibilidade que permitiram a aparição dessa escrita de si numa dada conjuntura histórica significa problematizar a produção de sentidos provenientes dos discursos produzidos por sujeitos que são instados a falar/escrever sobre si, nas diferentes configurações assumidas pela mídia na contemporaneidade.

Estudar a escrita de si midiática sob um viés discursivo justifica-se pela necessidade premente de se interrogar o que as práticas discursivas estão fazendo com os sujeitos hoje, em função, por exemplo, da atuação de mecanismos como a confissão, que prescram a intimidade dos sujeitos, instigando-os a se mostrarem, atualizando o princípio da escrita espiritual da literatura cristã de que “ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do indivíduo”, conforme nos mostra Atanásio (s/d).

⁴ Para este artigo selecionamos como materialidade de análise algumas postagens do *Twitter* e um trecho de um depoimento da apresentadora Xuxa concedido ao Programa Fantástico. Este último foi obtido na *web*, mais precisamente no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=h3oRDn4QKSQ>.

apud FOUCAULT, 1992). Nesse sentido, é preciso interrogar: na chamada pós-modernidade⁵, a que regime de discursividades os enunciados produzidos pelo mecanismo da confissão midiática obedecem? Como os discursos dos sujeitos que (ins)escrevem sobre si produzem sentido, mobilizam outros dizeres, dialogam com já-ditos?

Com vistas a fornecer respostas para estas questões, ainda que tais respostas sejam provisórias e incipientes em face da complexidade dessa discussão, objetivamos empreender uma analítica dos discursos sobre si na mídia, com vistas a perscrutar o funcionamento desses discursos e a relação que eles estabelecem com a ordem do dizível, cientes de que, muitas vezes, os discursos camuflam-se num “indizível que se quer dizer” (BARTHES, 1984, p.16), mesmo porque uma das propriedades inerentes da língua(gem), na perspectiva da Análise do Discurso (AD), é a instabilidade e a não-transparência.

A AD é uma disciplina de interpretação (PÊCHEUX, 2006) que apreende os efeitos de sentidos advindos de discursos os quais comportam uma estrutura e um acontecimento (PÊCHEUX, 2006). O discurso reúne em torno de si uma exterioridade que lhe é constitutiva. Isso significa dizer que o social e o histórico são indissolúveis, essa exterioridade não está fora, “nem separada do que está dentro; daí ser chamada de constitutiva” (FERREIRA, 2000, p.36). No que respeita à língua, a AD não a concebe como objeto, mas sim como o pressuposto que serve de andaime para a análise da materialidade do discurso.

O sujeito que trabalha nos limites da língua e do discurso também é concebido de um modo particular no percurso histórico e epistemológico dessa vertente teórica. Para a AD, o sujeito é constitutivamente fragmentado, heterogêneo, clivado, opondo-se diametralmente ao sujeito cartesiano, logocêntrico, racional e consciente. O sujeito da AD, sob um viés foucaultiano, assume uma função, um lugar no discurso, recebendo da formação discursiva⁶ parte importante de sua identidade, já que é ela que vai, de certa forma, definir as relações de poder e, a partir daí, o que pode e deve ser dito, onde, como, quando etc. (CORACINI, 2006).

Para efeito de organização, dividimos este texto em quatro seções: além dessa introdução, a seção a seguir trata de discutir acerca da escrita de si na mídia, enfatizando a

⁵ Não nos deteremos aqui em discutir a interminável querela teórica a respeito dos termos modernidade, pós-modernidade e correlatos. Para tanto, compactuamos da concepção de Coracini (2006), para quem todos os termos utilizados para designar o momento atual trazem em seu bojo diferentes olhares sobre o mundo contemporâneo, “atestam que algo resta da modernidade, já que ela se acha, inclusive, presente na própria nomenclatura, modificada por um prefixo (hiper, super, pós) ou por um adjetivo (tardia, dentre outros) [...]” (CORACINI, 2006, p.134).

⁶ Sobre a noção de formação discursiva, ver Baronas (2007).

elasticidade das fronteiras entre a díade público/privado; posteriormente, procedemos a análise das materialidades discursivas midiáticas e, em seguida, retomamos alguns dos aspectos discutidos nas considerações finais.

Escrita de si, mídia e o público/privado

O título desta seção soa confuso num primeiro olhar, tendo em vista que pode denotar uma intenção de por num mesmo caldeirão heteróclito conceitos e ideias aparentemente díspares, pelo fato de não estarem num mesmo campo de relações semânticas. Afinal, que relação pode existir entre o público e o privado, a mídia e a escrita de si? Destarte, nossa proposta neste trabalho não é sobrepor conceitos ou uniformizá-los, mas antes traçar caminhos que nos possibilitem conceber uma escrita de si na mídia alicerçada por meio de um sucessivo afrouxamento do par público/privado. Esta é a tese norteadora sobre a qual se volve nosso gesto analítico e a discussão que ora esboçamos, conforme já sinalizamos sub-repticiamente na seção anterior. Neste sentido, subsidiamo-nos nas idéias de Foucault (1992) e em outros autores que possam ser úteis para cumprirmos com o escopo estabelecido.

Foucault (1992), ao estudar a escrita de si, remonta aos filósofos de tradição estoica no intento de examinar as formas de escrita que desvelam subjetividades, assinalando técnicas de si e a relação que o sujeito estabelece com os outros no contexto da tradição filosófica de si na época imediatamente anterior ao cristianismo. Dessa maneira, aquele autor cita duas formas de escrita etopoiética (escrita como treino de si), quais sejam: os *hypomnemata* e a correspondência.

De um modo um tanto rudimentar, poderíamos definir os *hypomnemata* como cadernos pessoais que serviam de guias de conduta, bem como seriam de utilidade para o exercício de meditação e de organização de leituras. Naqueles “cadernos” era possível encontrar fragmentos de obras lidas, citações das mais diversas, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou de que se lembravam. Em suma, constituíam uma memória material das coisas lidas (FOUCAULT, 1992) de importância singular para os exames de consciência e para as reflexões vindouras. Os *hypomnemata* representavam um veículo eficaz de subjetivação na medida em que os sujeitos tinham a oportunidade de se constituírem como sujeitos de si-para-si, considerando a estreita ligação com as práticas de leitura e escrita e com a necessidade de descrever as ações do cotidiano. Voltando aos dias atuais, o que vemos

despontar, a partir do advento das tecnologias digitais, principalmente através dos *blogs* e das redes sociais, senão o interesse em expor as atividades do dia a dia, tal qual os *hypomnemata*, de resumi-las num dado dispositivo, não mais nos cadernos de anotações, mas sim nos inúmeros perfis, *homepages* e *sites* existentes no ciberespaço? Seriam esses registros uma reatualização dos *hypomnemata*? Nossas análises poderão fornecer indícios de respostas para esse questionamento.

No que se refere às correspondências, Foucault (1992) as situa como um texto por definição destinado ao outro, mas que dá também lugar a um exercício de escrita pessoal. Ao escrever para o seu destinatário, o sujeito objetiva aconselhá-lo, admoestá-lo, consolá-lo, e, com isso, se oferece ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz (FOUCAULT, 1992). Além disso, era comum na troca de missivas entre os filósofos estoicos a necessidade de relatar de forma pormenorizada as atividades mais corriqueiras, assim como nos *hypomnematas*, embora nestes não se tinha um destinatário presumido. Nas cartas de Sêneca endereçadas a Lucílio, que constituem o foco da análise empreendida por Foucault (1992), subsiste uma tendência de o remetente contar para o seu interlocutor o que tem feito nos últimos dias, ou seja, as atividades mais habituais presentes no cotidiano desse sujeito. Em suma, descrever as ações cotidianas constitui um componente indispensável da escrita epistolar.

Numa das cartas analisadas, evidencia-se a máxima moral segundo a qual “devemos pautar a nossa vida como se toda a gente tivesse vendo” (SÊNECA, s/d. *apud* FOUCAULT, 1992). Na atual sociedade do espetáculo, na qual tudo que é vivido se esvai na fumaça da representação (DEBORD, 2003), assistimos a uma incessante criação fictícia de um *eu* que reclama por público, por plateia; neste sentido, as celebridades instantâneas advindas dos *realities shows* são um exemplo representativo dessa tendência atual. Numa era pós-panóptica, em que um indivíduo se vê controlado por múltiplos olhares (BAUMAN, 2001), em contraposição ao panóptico – um olho que tudo vê – enfatizado por Foucault (2008), o “toda a gente” de que fala Sêneca apresenta outra acepção, já que a exposição a que os sujeitos estão propensos nos dias de hoje era impensável na época daquele pensador. Hoje os discursos produzidos, sobretudo aqueles provenientes do seio da cultura digital, reverberam de forma assustadora e solapam as fronteiras transnacionais, espaciais e temporais. Além disso, o “toda a gente” de Sêneca está muito mais vinculado a uma idéia de idoneidade, de um comportamento reto, de um ética de si perante os demais do que a indispensabilidade de exhibir-se ao outro tão típica dos tempos hodiernos.

Pelo exposto, podemos acrescentar que a publicização da intimidade, na qual o sujeito se propõe construir uma verdade para si, a partir da revelação de aspectos concernentes a sua privacidade engendra um contexto no qual “a verdade última do retiro na privacidade é a confissão pública de segredos íntimos num programa de TV” (ZIZEK, 2003, p. 109). Esse estado de coisas que se desponta atualmente no que tange aos limites entre o público e o privado, mais precisamente por meio da publicização deste último, encontra respaldo na discussão suscitada por Arendt (2008) a respeito das transformações sofridas historicamente pela esfera pública e pela esfera privada, vistas sob a ótica da análise das riquezas e da propriedade. Para essa autora, há um desaparecimento de ambas as esferas devido ao fato de elas se amalgamarem – a esfera pública porque se tornou função da esfera privada, e a esfera privada porque se tornou a única preocupação comum que sobreviveu.

Uma forma de materialização dessa junção consubstancia-se na questão da intimidade que parece “constituir uma fuga do mundo exterior como um todo para a subjetividade interior do indivíduo, subjetividade esta que antes fora abrigada e protegida pela esfera privada.” (ARENDR, 2008, p.79). Segundo essa perspectiva, o que se restringia aos domínios da esfera privada dissolveu-se no âmbito do espaço público. Um exemplo que pode ser útil para entendermos essas mudanças provém das transformações incididas sobre o homem público (com ênfase nos políticos), os quais têm suas vidas privadas como alvo preferido da imprensa, ou seja, parece não haver mais uma distinção flexível entre o homem público e a sua vida íntima. Tais transformações situam-se num espectro bem mais amplo que se voltam para a própria constituição do discurso político, o qual foi incorporado pela irresistível apetite do mercado e da ideologia que lhe subjaz, o consumismo (COURTINE, 2008).

A assunção do privado ao domínio do público rompe com alguns preceitos que se tinha a respeito dos limites entre esses dois domínios. Sob essa lógica, Arendt (2008, p. 61) esclarece que “há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e crua da constante presença dos outros no mundo público; neste só é tolerado o que é tido como relevante, digno de ser visto e ouvido [...]”. Ora, o conceito de relevância no seio da esfera pública está associado, a nosso ver, com os interesses que se voltam a uma ideia de coletividade, de bem comum, o que se contrapõe às questões da esfera privada, as quais não são, por analogia, irrelevantes, mas que deveriam circunscrever e funcionar no âmbito desta esfera, pois somente aí elas apresentariam certa funcionalidade.

Por uma escrita de si na mídia

Tendo as proposições teóricas e as discussões já suscitadas neste artigo como um subsídio investigativo, demonstramos a seguir um exercício analítico sobre materialidades discursivas veiculadas na mídia digital e televisiva, respectivamente. Tais materialidades coadunam com a tese aqui defendida, uma vez que é possível constatar uma acentuada exposição de aspectos da vida privada atrelados às configurações de uma escrita de si relativa aos dias de hoje.

Os exemplos abaixo explicitados são postagens publicadas no *Twitter*⁷, coletados no *site* desse serviço no mês de maio de 2013. São postagens de pessoas famosas, conhecidas do público brasileiro por atuarem como atores/apresentadores da TV.



Nos *tweets* supracitados os sujeitos-celebridade relatam no espaço digital parte de suas rotinas, algo que aparentemente não é do interesse do público, excetuando-se dos fãs que seguem essas personalidades no serviço de *microblog*. De qualquer modo, há uma exposição da vida pessoal, das atividades mais corriqueiras que antes se limitavam aos domínios da intimidade que está em conformidade com a ordem discursiva midiática, mais especificamente pelo fato de o *twitter* se constituir como um espaço no qual os usuários podem (e, em alguns casos, devem!) falar de si. Dessa maneira, os discursos produzidos acima estão em consonância com as contingências sócio-históricas hodiernas que redefinem os limites entre o público e o privado, de maneira que este último ganha um lugar de destaque

⁷ O *twitter* é um serviço de *microblog* no qual os usuários podem enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos com até 140 caracteres conhecidos como *tweets*), por meio do *website* do serviço, por mensagens via celular e por *softwares* específicos de gerenciamento, conforme consta no site <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acesso em 10. maio. 2013.

no contexto midiático, porque se “descobriu quão rica e variada pode ser a esfera do oculto nas condições da intimidade” (ARENDR, 2008, p. 82). É possível constatar que, ao escreverem sobre si, relatando seus “deveres” cotidianos e a relação com os filhos, os sujeitos se inscrevem discursivamente, a partir de uma meticulosa narrativa de si mesmos, assim como faziam os filósofos estoicos nas suas correspondências, conforme aponta Foucault (1992).

Além disso, os sujeitos constroem imagens de pais que participam ativamente da vida escolar (“reunião com a professora”) e dos momentos de lazer dos filhos (“e já brinquei com o dom”) e sentem a necessidade de tornar público esse sentimento, isto é, eles tacitamente utilizam de já-ditos sobre a questão da relação pais e filhos, destacada com ênfase por determinados produtos midiáticos, como as revistas especializadas no assunto e os programas de TV. Em resumo, o ato de escrever sobre si nas redes sociais redundava em dissertar sobre aspectos da vida diária, convencionalmente tidos como banais e pouco relevantes para serem publicizados.

É preciso levar em consideração que o advento da *internet* potencializou essa exposição da vida íntima, em consonância com o deslizamento que o próprio conceito de intimidade sofreu nos últimos tempos. Assistimos ao surgimento de subjetividades voltadas ao olhar alheio, caracterizadas pela visibilidade. Sob a luz resplandescendente do espetáculo, é necessário se mostrar, pois, caso contrário, é como se não existisse, nos alertava Guy Debord, já nos anos de 1960. Na hodierna obsessão por tudo aquilo que nos remeta ao real, as vidas íntimas das pessoas famosas (vivas ou já falecidas) constituem um filão do ponto de vista mercadológico, o que envolve, por exemplo, os fartos lucros obtidos com as biografias, o sucesso das revistas impressas e dos sites de fofocas, além das produções audiovisuais, como documentários e filmes sobre a vida privada de ícones da música, do cinema, das artes e da literatura, dentre outros campos. Assim, a explosão dos *blogs* confessionais na *web* e das redes sociais encontra eco no sucesso editorial das (auto)biografias e excede as margens de um mero fenômeno do mercado editorial ou de uma moda cinematográfica para se converter em algo maior (SIBILIA, 2008), isto é, a construção de um cenário sócio-histórico no qual o foco recai sobre a exposição da intimidade dos sujeitos.

No excerto a seguir, oriundo de um depoimento (ou confissão) da apresentadora Xuxa ao *Fantástico*, num quadro intitulado “O que vi da vida”, pretendemos analisar a proeminência de elementos da vida privada atuando no funcionamento do discurso presente neste excerto.

A coisa mais difícil é o cara aceitá eu do jeito que eu sou. Eu sou complicada pá caraca... eu sou muito independente, sabe? Eu gosto de fechá a porta do meu carro, eu gosto de dirigir, num gosto que ninguém pague minhas contas, eu gosto de liberdade, já que eu tenho tão pouco... não abro mão de ficar com minha filha por homem nenhum... o meu trabalho tá na frente, sabe? Porque é uma coisa que eu também preciso pra: poder ajudá todo mundo... a minha fundação depende de mim, a minha filha... eu preciso disso pra me sentir viva, sentir melhor... Aí, vou deixando ((balança levemente a cabeça num sinal positivo)) porque um dia essa pessoa, esse homem, vai aparecê na minha frente, na minha porta, como já aconteceu e rolá e não rola assim sabe? Num existe isso, não vai ter essa segunda vez.. [...] Então eu num tô procurando, mas posso te dizer, na boa, corre sangue aqui dentro ((bate com a mão direita no braço esquerdo, para indicar espacialmente o sangue do qual ela falava)) e hormônios, isso é o que pira: esses hormônios é o que matam a gente!⁸

“Um depoimento revelador, corajoso, emocionante”, anuncia a apresentadora Renata Ceribelli ao se referir à participação da Xuxa no quadro do Fantástico, já prevendo a repercussão que iria ocorrer na mídia, a partir das declarações bombásticas dadas por Xuxa. No momento em que justificava a participação em ações educativas e projetos que visam elidir os casos de pedofilia no país, a apresentadora revela que o seu (dela) engajamento ocorre porque ela mesma havia sido vítima de abuso sexual na infância. Como era de se esperar, as reações do público foram as mais diversas, desde apoiar a atitude corajosa da apresentadora, até contestar a veracidade das informações publicizadas por Xuxa. Todavia, o excerto selecionado para nossa análise não representa a passagem exata do instante em que ela revela a questão do abuso no leque de diferentes temáticas expostas pela apresentadora no longo⁹ depoimento fornecido por ela para o referido programa dominical. No decorrer dessa autonarrativa, fotografias de Xuxa eram exibidas em conformidade com os assuntos abordados (a infância, os relacionamentos amorosos, o início da carreira, dentre outros), de forma a criar toda uma atmosfera confidencial que constitui a filosofia do quadro. Registre-se ainda para o fato de não haver nenhum repórter com a função de entrevistador que fizesse perguntas a Xuxa, e a iluminação escura do cenário reforça o tom de confessorário pretendido pelos autores do quadro. Assim, o excerto supracitado situa-se na temática intitulada “mulher”, conforme aparece nos dizeres que antecedem o momento em que ela começa a falar de si, na condição de uma mulher com mais de quarenta anos, com as angústias, vicissitudes e responsabilidades que caracterizam as mulheres dessa faixa etária.

⁸ Transcrevemos esse excerto a partir do vídeo de Xuxa disponível na *web*, no *site* do *Youtube*.

⁹ Longo pelo fato de os outros famosos que participaram do “O que vi da vida” terem dado seus testemunhos em cerca de dez minutos ou até menos e, no caso de Xuxa, o depoimento durou cerca de vinte e cinco minutos.

Nesse excerto, Xuxa fala dos dissabores que acentuam ainda mais a sua solidão no campo dos relacionamentos amorosos; esse campo é um assunto que faz parte da intimidade das pessoas de uma maneira em geral. No que concerne ao sujeito-celebridade, a vida afetiva desse sujeito é constantemente posta em discussão pelos diferentes dispositivos midiáticos. No caso específico de Xuxa, pela influência que ela exerce na esfera midiática e pelo amplo reconhecimento de público que ela detém, a sua vida amorosa sempre esteve na mira da imprensa. Assim, ela é instada a falar de si, a dizer o porquê de sua aparente vida solitária, tendo em vista que na sociedade atual, apesar de toda uma discussão em torno das mulheres que vivem sozinhas por opção, ainda subsiste no imaginário social, talvez pela influência dos discursos de autoajuda e das telenovelas, a idéia de que a felicidade reside no par romântico, mais precisamente na busca incessante do par perfeito. Esses discursos são, em certa medida, refutados por Xuxa, quando afirma “não existe isso, não vai ter essa segunda vez”, embora a mesma reconheça a falta que isso acarreta, sobretudo no que tange à consecução dos desejos carnavais (“esses hormônios é o que matam a gente!”).

Falar sobre si, neste caso, implica a constituição de uma narrativa de si no seio das confissões contemporâneas. Nesse diapasão, Foucault (2007) pontua que as confissões no âmbito do cristianismo tinham como pressuposto a investigação das verdades dos sujeitos, a partir das formas como estes reconheciam os seus pecados e expunham de forma minuciosa os sentimentos pecaminosos envoltos pela áurea lasciva da sexualidade. Atualmente, a mídia dispõe de diferentes mecanismos advindos de uma vontade de saber que instiga os sujeitos a falarem as verdades sobre si, “em confissões que fazemos aos outros e a nós mesmos” (RABINOW & DREYFUS, 1995, p.192). Basta pensarmos nos repórteres que muitas vezes de forma inconveniente buscam a mais insignificante afirmação de uma pessoa famosa sobre si (leia-se sobre vida íntima desta), a fim de ganhar um “furo” e ilustrar o caderno de variedades do jornal, por exemplo. O depoimento de Xuxa se expressa por meio das condições de possibilidade dos tempos de hoje, nos quais a colocação em discurso de aspectos da vida privada representa uma condição *sine qua non* para a consecução de uma escrita de si.

Cumprе salientar que a escrita de si atrela-se ainda à remissão a uma série de já-ditos (PÊCHEUX, 2006), os quais assinalam a heterogeneidade inerente a toda produção discursiva. Neste sentido, tanto no depoimento de Xuxa quanto nos *tweets* de Luana Piovani e de Cássio Reis, o discurso está amalgamado de já-ditos, ainda que não estejam explicitados, acerca da relação entre pais e filhos, mais precisamente na constituição de uma imagem de

pais participativos e atuantes na vida dos filhos. Esses já-ditos relacionam-se com a esfera da vida íntima, paulatinamente exposta na e pela mídia. Não obstante, nosso olhar sobre as materialidades analisadas não pretendeu perscrutar de forma minuciosa esses já-ditos, mas antes situá-los em relação às condições de possibilidade que permitiram a emergência de tais discursos na mídia.

Considerações Finais

Quando nos propomos investigar a constituição de uma escrita de si na mídia atrelada a uma contínua exposição da vida íntima, tendo como base as discussões suscitadas por Foucault (1992) sobre alguns mecanismos de escrita de si dos filósofos estoicos, não nos interessava comparar no sentido de estabelecer hierarquias entre a escrita de si dos dias atuais com aquela praticada pelos antigos, mas pensar a condição do sujeito pós-moderno, a partir de lampejos advindos forçosamente da experiência dos antigos com as técnicas de si. Com efeito, “houve uma experiência grega, experiências cristãs, etc; mas, não são os gregos nem os cristãos que farão a experiência por nós hoje” (DELEUZE, 2008, p.132), por isso, a necessidade de não tomar a escrita de si atual numa concepção de evolução ou retrocesso em relação aos nossos predecessores, pelo contrário, investigar os desníveis e as fissuras no campo sócio-histórico que constituem as condições de possibilidade para a aparição de uma escrita de si hodierna.

Amparados pela AD francesa, foi possível constatar que os sujeitos desvelam as particularidades mais íntimas do *eu* na mídia, seja na modalidade digital, seja na televisiva, pelo fato de se sentirem impelidos a adentrarem a ordem discursiva midiática que prevê a nulidade das fronteiras entre o público e o privado. Neste sentido, pensar uma escrita de si na atual sociedade do espetáculo (DEBORD, 2003) não prescinde de se analisar os discursos acerca da publicização da vida privada na esfera midiática, em função, por exemplo, de uma confissão midiaticizada, à luz dos holofotes.

Essa discussão, ainda em fase inicial, ampara-se em Sibilia (2008), quando pondera que em meio aos vertiginosos processos de globalização dos mercados em uma sociedade prioritariamente midiaticizada, fascinada pelo império das visibilidades e das celebridades, percebe-se o contínuo deslocamento de uma subjetividade “interiorizada” em direção a novas formas de autoconstrução. Assim, as escritas de si dos sujeitos nos diversos canais midiáticos

dirigem-se ao olhar dos outros, de modo que a constituição da subjetividade já não ocorre sem a mediação da alteridade, preenche de uma resposta do outro (que pode se efetuar, no caso do *corpus* analisado, tanto com as interações virtuais como a repercussão na imprensa). Se antes a escritura dos diários íntimos e as confissões estavam restritas aos silêncios dos quartos e à discrição das igrejas, atualmente, presenciamos o florescer de sujeitos, cujas intimidades estão alicerçadas de forma visceral no *show* cotidiano da vida privada.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BARTHES, R. *A câmera clara: notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Detzian. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- CORACINI, M. J. R. F. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias de comunicação. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- COURTINE, J.-J. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Railton Sousa Guedes. E-book digitalizado por Coletivo Periferia e E-Books Brasil, 2003.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. Péter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.
- FERREIRA, M, C. L. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- FOUCAULT, M. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. Trad. R. Machado. São Paulo: Graal Edições, 2008.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal Edições, 2007.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como se chega a ser o que é*. Trad. Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. (Coleção Textos Clássicos de Filosofia).
- RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

ZIZEK, S. *Bem-vindo ao deserto do real: cinco ensaios sobre o onze de setembro e datas relacionadas*. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Artigo recebido em junho de 2013.
Artigo aceito em setembro de 2013.